



EDGAR WALLACE

**A QUARTA
PRAGA**

Tradução de ADOLFO AMARANTE RIBEIRO

Editora ITATIAIA Limitada

PRÓLOGO

A umas sessenta milhas ao sul da cidade de Florença e à distância tríplice, ao oeste de Roma, descansando sobre três formosas colinas, acha-se situada Siena, talvez a mais - soberba das cidades da Toscana.

Sobre o Terzo de la Città, encontra-se o Palácio Festini.

O edifício ergue-se solitário, em sua sombria e arruinada magnificência. Contemplando-o do Batistério de San Giovanni, que fica adjacente, tem-se a impressão de que um fragmento se despreendeu e desgarrou do sacro edifício e transitou da cólera súbita para decair no abandono atual.

No Palácio, em sua penosa grandeza, viviam os Festini, que pretendiam descender nada mais nada menos do que de Guido Novelio, de quem o arqueologista Compagni escrevera certa vez: «Il conte Guido non aspetto il fine, ma zanza dare colpto di spadna *al parti*.»

Os Festini eram uma família cujo nome, ao ser simplesmente enunciado, tornava imóvel a face da aobreza italiana. Se um se punha a elogiá-los, aceitava-se cortêsmente o elogio. Se alguém censurava-os escutava-se a acusação em silêncio. Se alguém, entretanto, atrevia-se a interrogar a respeito de sua hierarquia, podia-se ter a certeza de que a pergunta, desde Milão até Roma, provocaria imediatamente uma mudança de assunto da conversação.

Qualquer que tivesse sido o vínculo de parentesco dos Festini com: Guido, o Covarde, podia-se assegurar que seus herdeiros alardeavam o

mesmo método de ação dos Polomei, dos Salvani, dos Ponzi, dos Piccolomini e dos Forteguerrì.

— «O Conde Guido não esperou seu fim e partiu sem haver dado uma só cutilada com sua espada».

As «vendettas» da Idade Média voltavam a sei revividas e sustentadas por êstes produtos da civilização do século XIX e o velho Salvani Festini ultrapassara (e isso era notoriamente evidente) o raio dos próprios rancores de família, para aliar-se ativa ou simpaticamente a cada uma das sociedades que ameaçavam a todos os bons governos da Itália.

Era uma tarde bastante quente dos últimos dias do mês de junho do ano de 1899, quando um homem e dois jovens estavam sentados diante da mesa de refeições, na sombria sala de jantar do Palácio.

O homem, sentado à cabeceira da mesa, tinha, apesar dos anos, os ombros bem largos e toda a aparência de uma criatura de vigorosa vitalidade.

A cabeça leonina, coroada de grande massa de cabelos grisalhos, destacava-lhe a personalidade, mesmo que não possuísse a farta barba, que lhe caia por sobre o casaco de veludo negro.

Apesar de toda a sua aparência patriarcal, havia no rosto pálido, na fineza dos olhos, que olhavam por baixo de farta sobancelha, algo de sinistro e ameaçador.

Comia em silêncio, não se perturbando sequer em responder as perguntas que lhe eram propostas.

O moço, sentado à sua direita, era um formoso jovem de dezessete anos e tinha essa compleição marfínea e essa perfeita e definida feição patricia,

que caracterizam a nobreza italiana. Seus olhos, castanhos e brilhantes, a delicadeza da boca, seu quase efeminado queixo evidenciavam, claramente, a raça de onde provinha.

Já o outro jovem, sentado do lado oposto, era quatro anos mais velho. Achava-se na idade em que a mocidade caminha para o pleno desenvolvimento e tinha, marcadas em seu contorno facial, todas as particularidades próprias de sua condição. Era de aspecto débil, de queixo estreito e somente a severa fixidez dos olhos graves salvava-o de uma fealdade positiva.

— Mas, pai — perguntou o mais jovem dos dois, — que o leva a pensar que o Governo suspeita de que o senhor esteja informado a respeito da «Mão Vermelha»?

O mais velho dos dois jovens nada disse, mas seus olhos inquisidores fixaram-se em seu pai.

Salvani Festini pareceu voltar o pensamento ao momento premente e sentiu uma espécie de estremecimento.

— Que disse? — perguntou.

Sua voz era grossa, mas não desagradável, quando se dirigiu ao jovem. E o brilho de um orgulho inconsciente, que se refletiu em seus olhos ao fitar o rapaz suavizou, em parte, a severa expressão de sua fisionomia.

— Estou muito bem informado, meu filho, — disse em brando resmungo. — Bem sabe que disponho de excelentes informantes. Os carabineiros estão dando prosseguimento às suas investigações e esse infernal amigo seu, — disse, voltando-se para

o mais velho dos dois jovens, — está à frente das investigações.

O jovem, a quem ele se dirigiu, esboçou um sorriso.

— Quem é? — perguntou incertamente.

O ancião olhou para o filho com suspeita.

— Tillizini, — respondeu de maneira breve. — O velho louco... porque não poderá ficar tranqüilo com seus livros e com suas conferências...?

— Foi muito bondoso para comigo, — disse o mais velho dos dois. Falava com reflexão, muito pensativamente. — Sinto muito que o aborreça pai, mas esta é precisamente sua fraqueza... a investigação de crimes...

— Crime! — protestou o ancião. — Como pode atrever-se, meu filho, sentado à minha própria mesa, a qualificar como crime as ações da «Mão Vermelha»?

Seu rosto tornou-se rubro de raiva e olhou para seu rebento com tanta maldade, que essa centelha de furor teria feito estremecer a outro homem mais susceptível.

Antonio Festini, porém, possuía muitas qualidades que não são muito comuns a seus compatriotas. A fleuma e a atitude mental de impassibilidade eram-lhe inatas. Não se sentiu nem inquieto, nem embaraçado diante desta nova expressão de desagrado do pai. Conhecia bem e desculpava o favoritismo que seu pai demonstrava para com seu irmão mais jovem, Simone. E isto não o levava a gostar menos do irmão e não provocava tampouco nele nenhum sentimento de rancor para com o pai. Continuou, pois, tranqüilo. Algum

remoto antepassado, imperturbável e frio, talvez carregando nas veias uma dose de sangue ainda mais frio, devia ter transmitido a esse jovem impassível, alguma coisa do seu poder de auto-domínio.

Bem sabia que seu pai odiava o velho professor de Antropologia de Florença, porque os Festini, até os dias atuais, mantinham o mesmo espírito de antagonismo, que os sienenses de quinhentos anos atrás, demonstravam sempre contra os florentinos.

Em Siena, havia escolas suficientes. A cidade contava com um estabelecimento famoso por seus advogados e doutores.

Simone cursava suas aulas e o que era bom para ele devia ser bom também para Antônio.

O filho mais velho, porém, escolhera Florença, com essa deliberação própria, tão peculiar nele, desde os dias de sua infância e, apesar de toda a oposição de seus antepassados, desrespeitou a tradição dos Festini e foi a Florença a fim de aperfeiçoar seus estudos.

Tillizini, o notável homem de ciência, concebeu uma profunda amizade pelo rapaz. Tomou-o sob sua proteção, formando-o pela sua escola, tão tortuosa, tão irregular e tão pouco conseqüente.

Tillizini era um mestre no estudo do crime e possuía um conhecimento enciclopédico dos homens.

Estava à disposição das polícias secretas de um a outro extremo da Itália e, segundo os rumôres circulantes, eram enormes as somas de dinheiro que recebia dos governos de outras nações.

Foi o próprio Tillizini que se dedicou voluntariamente, a dar com a pista da «Mão Vermelha», que durante tantos anos aterrorizara o Sul da Itália e que acabava de estender suas operações à região sententrional.

E era lamentável o fato de que suas atividades estivessem coroadas de êxito. Suas investigações levaram-no a dar com a pista de nada menos que a pessoa do considerado Mateo degli Orsini, o advogado romano, que durante tantos anos dirigira as operações de uma das mais poderosas ramificações da «Mão Vermelha».

Havia uma sensação de temor no peito do ancião, mas ele era também um Festini de primeira água e não poderia demonstrar temor, embora fôsse o medo que lhe aumentava a fúria.

— Ainda ouvirá uma história diferente a respeito deste Tillizini, — murmurou, — não se esqueça disto, Antônio. Algum dia, encontrá-lo-ão morto: uma faca no coração, ou com a garganta cortada ou com uma ferida de bala, no meio da cabeça... quem, sabe...? «A Mão Vermelha» não é uma organização com a qual se possa brincar.

Olhou longa e insistentemente para seu filho.

Simone inclinou-se para a frente, os cotovelos sobre a mesa, o queixo nas mãos e fitou o irmão com interesse desapaixionado.

— O que Tillizini sabe sobre mim? — perguntou o ancião de improviso. — Que foi que você lhe disse? Antônio sorriu.

— Essa é uma pergunta abusda, pai, — disse-lhe. — Chegou a pensar que eu falaria a seu respeito com o senhor Tillizini?

— Por que não? — disse o outro, como se protestasse. — Oh! Sei como você é. Você herdou alguma coisa de sua mãe. Esses Bonnicchi seriam capazes de vender tuas esposas a troco de uma centena de liras!

Nem mesmo essa referência à sua própria mãe conseguiu modificar a serenidade do jovem.

Continuou sentado com as mãos metidas nos bolsos, a cabeça um pouco inclinada para a frente, olhando para seu pai, friamente, com especulativa curiosidade.

Durante minutos, permaneceram, assim, entreolhando-se mutuamente e o mais jovem, sentado do outro lado, olhava também do pai para o irmão, deste para aquele, alternativamente, com vivo interesse.

Finalmente, o ancião retirou o olhar com um gesto de enfado.

Antônio inclinou-se sobre a mesa, servindo-se de um cacho de uvas de uma grande travessa, com a mão e nem o gesto de fastio, nem o temor tizeram-no perder a serenidade. O velho voltara a falar com seu filho favorito.

— De hoje até amanhã, você pode esperar a visita do «birri», — disse. — Virão procurar pelos papéis. Uma récuca de sujios napolitanos entrará nesta casa, para dar busca. Suponho que você esteja desejando que eu convide seu amigo Tillizini para jantar? — perguntou, olhando para o outro com um trejeito de desdém.

— Quanto a isto, faça o que melhor lhe agradar, pai, muito me agradaria que o convidasse...

— Se lhe agradaria! — disse o ancião. — Se eu tivesse a certeza de que esse velho cachorro se afogaria, não vacilaria um minuto em fazê-lo. Conheço seu Tillizini, — acrescentou desagradavelmente. — Paulo Tillizini... — E deu um sorriso, mas não havia nenhuma nota alegre em sua fisionomia.

Antônio levantou-se da mesa, dobrou o guardanapo em um quadrado e deixou-o descuidosamente entre os copos venezianos, que estavam à sua frente.

— Tenho sua licença para me retirar? — perguntou, com cerimoniosa inclinação de cabeça.

Fazendo outra inclinação, diante de seu irmão, o jovem retirou-se da sala de jantar.

Atravessou o sombrio e imponente vestíbulo e encaminhou-se para a pesada porta do Palácio.

Um criado de libré abriu-a para ele e o jovem saiu à plena luz do dia.

A emanção do calor da rua chegava até ele, como se fosse o de uma fomalha acesa.

Não tinha plano definido para passar a tarde, mas, achava-se ansioso para evitar novos conflitos com seu pai e ainda que não aprovasse a associação que sua casa formara com tantas quadrilhas de bandidos e culpados, que tiranizavam toda a Itália, sentia-se ansioso por encontrar um modo pelo qual pudesse evitar a terrível desgraça que ameaçava cair sobre todos.

No que a ele se referia, não entrava em linha de consideração o seu sentimentalismo. Chegara a um ponto desde o qual podia considerar, não só

a seu pai, como também a seu irmão mais moço (tão ansioso estava por ajudá-los e tão desejoso, ao mesmo tempo de que chegasse o dia em que pudesse tomar parte ativa nas operações da Liga), como se fossem pessoas afastadas de todos os seus afetos.

Era muito natural que seus passos o conduzissem até a Piazza del Campo.

Siena inteira encaminhava-se para este lugar histórico, com seus pavimentos de coloração vermelha e a inevitável associação que recordava seus triunfos e processos famosos.

Deteve-se junto ao pavimento central que marca a trajetória, do Pallio, completamente absorto em seus pensamentos, sem notar os olhares curiosos que se fixavam em sua direção.

Porque, apesar do calor reinante, toda Siena parecia estar na rua.

Se, contudo, estivesse menos absorvido, em seus pensamentos e apreensões, parecer-lhe-ia curioso que os sienenses, que sempre dedicavam estas horas ao repouso da sesta, se agrupassem na praça e nas ruas, numa tarde tão quente como aquela, do mês de junho.

Enquanto se encontrava parado ali, abstraído e meditativo, ouviu que o chamavam suavemente, às suas costas.

Tirou o leve chapéu de feltro que usava e, sorrindo, estendeu a mão.

— Não esperava ter o prazer de vê-lo, senhor Tillizini, — disse.

O prazer do encontro, não obstante, ficou estragado pouco depois, ao certificar-se, com

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

